

# CADERNOS

# AH!

## #16



**CÉLINE E POINCARÉ:  
ROMANCISTA E POLÍTICO**

**Leon Trotsky**

## **Céline e Poincaré: Romancista e Político**

Leon Trotsky

Tradução: Fernando Ramalho

Paginação: Fernando Ramalho

Origem do texto: Leon Trotsky, «Céline and Poincaré: Novelist and Politician», *The Atlantic Monthly*, 1935.

Imagem da capa: Autor desconhecido, Trotsky em Prinkipo, Turquia, no início dos anos 1930.

Leon Trotsky (1879-1940) foi um revolucionário russo.

Maior de 2024

[www.muralsonoros.com](http://www.muralsonoros.com)

[muralsonoros.info@gmail.com](mailto:muralsonoros.info@gmail.com)

## I

Louis-Ferdinand Céline entrou na literatura como outros entram em casa. Homem maduro, dotado de uma vasta provisão de observações, como um médico ou um artista, com uma indiferença soberana face ao academicismo e um extraordinário instinto para as modulações da vida e da linguagem, Céline escreveu um livro que permanecerá, mesmo que venha a escrever outros que estejam ao nível deste. *Viagem ao Fim da Noite* é um romance do pessimismo, um livro ditado pelo terror face à vida, e a consciência dele, e não pela indignação. A indignação activa está ligada à esperança. No livro de Céline não há esperança.

Um estudante parisiense oriundo de uma família humilde, racionalista, antipatriota, semi-anarquista – desses que encham os

cafés do Quartier Latin –, alista-se, muito contra as suas expectativas, ao primeiro toque de clarim, como voluntário no exército. É enviado para a frente e, no centro da carnificina mecanizada, dá por si a invejar o destino dos cavalos, que morrem como homens mas sem a hipocrisia das frases eloquentes. Depois de ser ferido e de ter recebido uma medalha passa por diferentes hospitais onde médicos bem-sucedidos o exortam a regressar rapidamente «ao ardente cemitério das batalhas». É dispensado do exército, inválido, e parte para uma colónia africana onde se consome de angústia pela vileza humana, pelo calor e pela malária dos trópicos. Entra de seguida ilegalmente nos Estados Unidos e encontra trabalho numa fábrica de Ford. Uma prostituta torna-se a sua principal companhia (encontramos aí as páginas mais ternas do livro). De regresso a França torna-se médico de pobres e, de alma ferida, vagueia pela noite da vida, por entre doentes e sãos, todos igualmente patéticos, depravados e infelizes.

Céline não se propõe, de modo algum, expor as condições sociais em França. Na verdade, ele não poupa nem padres, nem generais, nem ministros, nem sequer o presidente da República. O seu relato, no entanto, situa-se muito abaixo dessas classes dirigentes, entre gente humilde, funcionários, estudantes, comerciantes, artesãos e *concierges*. E desloca-se, por duas vezes, para lá das fronteiras francesas. O sistema social actual está tão apodrecido como qualquer outro, passado ou futuro. De um modo geral, Céline mostra o seu descontentamento com as pessoas e os seus assuntos.

O romance é concebido e redigido como um panorama do absurdo da vida, das suas crueldades, dos seus conflitos e mentiras, uma vida sem uma saída nem tão-pouco um lampejo de esperança. Um suboficial torturando os soldados antes de sucumbir com eles; uma especuladora norte-americana que passeia a sua vulgaridade pelos hotéis europeus; funcionários coloniais franceses embrutecidos pela ganância e o fracasso; Nova Iorque e a sua crónica indiferença para com os pobres, sempre preparada para sugá-los até ao tutano; Paris, de novo; o insignificante e mesquinho universo dos eruditos; a lenta e dócil morte de um menino de sete anos; a violação de uma menina; os pequenos e virtuosos *rentistas* que matam a mãe por razões económicas; um padre em Paris e outro na África mais negra, ambos igualmente prontos a vender um homem por umas poucas centenas de francos (um em conluio com os rentistas civilizados, o outro com os canibais). De capítulo em capítulo, de página a página, os fragmentos de vida compõem-se num pesadelo absurdo de imundície e sangue. Uma receptividade passiva, com os nervos à flor da pele, sem qualquer aspiração quanto ao futuro – eis o fundamento psicológico de um desespero sincero nas convulsões do seu cinismo.

Céline, o moralista, segue as pisadas do artista e, passo a passo, corrompe a aura de todos esses valores sociais que o hábito tornou indiscutíveis, do patriotismo às ligações pessoais e o amor. A pátria está em perigo? «Não se perde nada quando arde a casa do senhorio (...) Seja como for, a renda terá de ser paga.» Não há lugar ao critério histórico. A guerra de Danton não é mais nobre

do que a de Poincaré: em ambas, a «função patriótica» foi paga com sangue. O amor está envenenado pelo egoísmo e a vaidade. Todos os aspectos do idealismo são meros «instintos baixo adornados por palavras pomposas». Nem a imagem da mãe é poupada: ao encontrar o seu filho ferido, «ela chorava como uma cabra no momento em que recupera os seus cabritos. Mas não passava de uma cabra, já que confiara na palavra dos que lhe haviam retirado o filho».

O estilo de Céline decorre do seu modo de receber o mundo objectivo. Através de uma linguagem aparentemente descuidada, não gramatical, obsessivamente condensada, vive, pulsa e vibra a riqueza genuína da cultura francesa, toda a experiência emocional e mental de uma grande nação, na sua vivacidade e nos seus matizes.

Ao mesmo tempo, Céline escreve como se se tivesse deparado com a linguagem humana pela primeira vez. Faz tremer de cima a baixo o vocabulário da literatura francesa. Frases batidas explodem em mil estilhaços. E, pelo contrário, palavras retiradas de circulação pela estética e a moral académica tornam-se cruciais para dar expressão à vida na sua crueza e abjecção. Céline serve-se dos termos eróticos apenas para dilacerar o charme do erotismo. Mobiliza-os do mesmo modo que utiliza os nomes de outras funções fisiológicas não reconhecidas pela arte.

## II

Logo na primeira página do romance, o leitor depara-se inesperadamente com o nome do presidente Poincaré: o presidente da

República que, como noticia o último número do *Le Temps*, se apressa pela manhã para inaugurar uma exposição de cãesinhos.

Este episódio não é ficcional. Trata-se, evidentemente, de um dos deveres do presidente da República, e quem somos nós para colocar alguma objecção. Mas a maldosa notícia do jornal não pretende, como é óbvio, cobrir de glória o chefe de Estado.

Ainda assim, o ex-presidente Poincaré, a mais prosaica das ilustres personalidades da república, é também uma das suas figuras políticas mais autoritárias. Tornou-se intocável desde que adoeceu. Não só à direita mas também entre os radicais, é impossível mencionar o seu nome sem juntar algumas palavras de patético reconhecimento. Poincaré é, incontestavelmente, o produto puro da cultura burguesa, tal como a nação francesa é a mais burguesa das nações, inebriada pela consciência do seu carácter burguês, motivo de orgulho por ser a fonte do seu papel providencial em relação ao resto da humanidade.

A presunção nacional da burguesia francesa, sob uma aparência refinada, é o resíduo cristalizado dos tempos. O passado, o tempo em que os seus pais fundadores tinham uma grande missão histórica a desempenhar, deixou aos seus descendentes uma rica colecção de figurinos que serve para disfarçar o conservadorismo mais obstinado. Toda a vida política e cultural francesa assenta nos hábitos do passado.

À semelhança dos países que funcionam com uma economia fechada, os valores fictícios da vida francesa circulam de um modo compulsório. As fórmulas do messianismo liberal, há mui-

to desligado da realidade objectiva, preservam hoje um prestígio elevado. Os costumes parecem ter entrado na corrente sanguínea, ganhando uma existência independente. Se o pó de arroz e o *rouge* podem ser vistos como uma marca de hipocrisia, a máscara deixa de ser uma falsificação: é simplesmente um instrumento técnico. Tem uma existência exterior ao corpo e subordina a si própria os seus gestos e o seu timbre.

Poincaré é quase um símbolo social. A sua elevada representatividade constitui a sua personalidade. E mais não tem para dar. Tanto nos seus poemas de juventude – houve uma altura em que ele foi jovem... – quanto nas memórias é impossível encontrar uma só nota pessoal. Os interesses da burguesia formam o seu verdadeiro escudo moral, a fonte do seu *pathos* gelado. Os valores convencionais da política francesa entraram-lhe na carne e no sangue. «Sou burguês e nada do que é burguês me é estranho.» A máscara política fundiu-se com a cara. A hipocrisia ganha um carácter absoluto e converte-se numa espécie particular de sinceridade.

Tão cândido é o governo francês, de acordo com Poincaré, que é incapaz de supor quaisquer reservas mentais nos seus inimigos. «Bela é a confiança de um povo que reconhece nos outros as suas próprias virtudes.» Isto deixou de ser visto como uma hipocrisia, como uma falsificação subjectiva, e tomou a forma do elemento compulsório de um ritual, como um pós-escrito jurando fidelidade eterna no final de uma carta pérfida.

Nos tempos da ocupação do Ruhr, o escritor Emil Ludwig perguntou a Poincaré: «Na sua opinião, não queremos ou não po-

demos pagar?» Poincaré respondeu: «Ninguém gosta de pagar por iniciativa própria.»

Em Junho de 1931, Brüning enviou um telegrama a Poincaré pedindo ajuda e recebeu como resposta: «Aprendam a sofrer.»

Mas tal como o egoísmo individual começa, a partir de certo ponto, a autodevorar-se, o mesmo sucede com o egoísmo dos sectores conservadores. Poincaré queria sacrificar a Alemanha de modo a libertar, de uma vez por todas, a França da sua ansiedade. Mas entretanto, as tendências chauvinistas suscitadas pelo Tratado de Versalhes, criminosamente leve aos olhos de Poincaré, confluíram, na Alemanha, na sinistra figura de Hitler. Sem a ocupação do Ruhr, os nazis não teriam chegado ao poder tão facilmente. E Hitler no poder reabre o horizonte da guerra.

A ideologia nacional francesa foi construída sobre o culto da lucidez, ou seja, da lógica. Não a decidida e audaciosa lógica do século XVIII que assombrou o mundo, mas a lógica avara, tacaña e disposta a todos os compromissos da Terceira República. Com a mesma altivez condescendente com que os velhos mestres explicam os processos do seu labor, Poincaré fala nas suas memórias dessas «difíceis operações da mente: a decisão, a classificação, a coordenação.» Operações sem dúvida difíceis. Só que Poincaré não as leva a cabo no espaço tridimensional do processo histórico, mas sim no plano a duas dimensões dos documentos. A verdade, para ele, resume-se ao resultado de procedimentos jurídicos, a uma «interpretação racional dos tratados e das leis». O racionalismo conservador que dirige a França é tributário de Descartes, tal como a escolástica medieval o era de Aristóteles.

O famoso «sentido da medida» tornou-se o sentido da *pequena* medida. Apresenta-se ao pensamento na forma de um mosaico. Com que dedicada minúcia nos descreve Poincaré os mais ínfimos detalhes do trabalho presidencial! Apresenta-nos a ordem do Elefante Branco, com que foi agraciado pelo rei da Dinamarca, como se se tratasse de uma peça preciosa: as suas dimensões, forma, padrão ou as cores daquela estúpida bugiganga, nada fica de fora das memórias.

As palavras servem-lhe tanto para definir a extensão das reparações como para compor um ornamento retórico. Ele compara a sua passagem pelo Palácio do Eliseu com a detenção de Silvio Pellico nas prisões da monarquia austríaca. «Nesses salões da banalidade dourada, nada fala à minha imaginação.» A banalidade dourada, porém, é o estilo oficial da Terceira República. E a imaginação de Poincaré é a sublimação desse estilo. Os seus artigos e discursos remetem-nos para um esqueleto de arame, coberto de flores de papel e de escamas douradas.

Nas vésperas da guerra iminente, Poincaré estava numa viagem marítima entre São Petersburgo e a França. Não perdeu a oportunidade para introduzir uma paisagem impressionista na inquieta crónica da sua viagem: «O mar pálido, quase deserto, indiferente aos conflitos humanos.» Palavra por palavra, precisamente o que havia escrito no seu exame final do liceu! Quando discorre sobre as suas preocupações patrióticas, ele elenca, de passagem, todas as variedades de flores que ornamentavam o seu retiro de Verão: entre um telegrama cifrado e uma conversa telefónica, eis

um escrupuloso catálogo de uma florista! Nos momentos mais críticos aparece um gato siamês, marca da intimidade familiar. É impossível lê-lo sem uma sensação de sufoco pelos protocolos autobiográficos, sem uma única imagem viva, sem sentimentos humanos sequer, mas repletos de mares «indiferentes», samambaias, grinaldas, jacintos, pombas e um cheiro obsessivo a gato siamês.

### III

Há duas esferas na vida, a pública e oficial, posta à vista, e a secreta, que é a mais importante. Esse dualismo atravessa tanto as relações pessoais como as sociais: o círculo íntimo da família, a escola, a sala de audiências, o parlamento ou os serviços diplomáticos. Surge-nos nas condições do desenvolvimento contraditório da sociedade humana e é próprio dos países e povos civilizados. Mas as formas, o alcance e as máscaras desse dualismo são matizados vividamente pelas cores nacionais.

Nos países anglo-saxónicos, a religião é um elemento importante no sistema do dualismo moral. A França privou-se oficialmente desse importante recurso. Enquanto a maçonaria britânica é incapaz de conceber um universo sem Deus, um parlamento sem rei ou uma propriedade sem proprietário, os maçons franceses removeram «o Grande Arquitecto do Universo» dos seus estatutos. Nos assuntos da política, quanto mais amplas são as mentiras mais eficazes se revelam: sacrificar os interesses terrenos em favor de problemáticas celestes implicaria chocar de

frente com a lucidez latina. No entanto, os políticos, tal como Arquimedes, precisam de um ponto de apoio. A vontade do Grande Arquitecto tinha de ser substituída por valores deste lado da barricada. O primeiro deles é a França.

Em nenhum lugar se fala tão facilmente da «religião do patriotismo» como na república secular. Todos os atributos com os quais a imaginação humana se dedica ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo foram transferidos pelos burgueses livres-pensadores franceses para a sua nação. E uma vez que a França é do género feminino, também lhe foram conferidas as características da Virgem Maria. O político surge como um sacerdote laico de uma divindade secularizada. A liturgia do patriotismo, desenvolvida ao ínfimo detalhe, constitui uma importante componente do ritual político. Palavras e expressões arrancam, no parlamento, aplausos automáticos, tal como certas palavras litúrgicas são alinhadas para fazer ajoelhar os crentes ou para levá-los às lágrimas.

Há, porém, uma diferença. Pela sua natureza, a esfera da verdadeira religião é removida da vida quotidiana. Dada a necessária delimitação da sua jurisdição, os conflitos são tão pouco prováveis como a colisão entre um automóvel e um avião. Pelo contrário, a religião secular do patriotismo tem impacto directamente na política do dia-a-dia. Os apetites privados e os interesses de classe opõem-se, a cada passo, às fórmulas do patriotismo puro. Afortunadamente, os antagonistas são tão bem-educados, e acima de tudo estão tão unidos num empenho comum, que fecham os olhos a qualquer problema mais espinhoso. A maioria gover-

namental e a oposição responsável respeitam voluntariamente as regras do jogo político. A regra principal dispõe que tal como o movimento dos corpos está sujeito às leis da gravidade, a acção dos políticos submete-se ao amor à pátria.

Não obstante, mesmo o sol do patriotismo tem as suas manchas. Um excesso de indulgência recíproca revela-se inconveniente, uma vez que engendra um sentimento de impunidade e apaga as fronteiras entre o louvável e o repreensível. Então, os gases políticos acumulados acabam por explodir de tempos a tempos e por envenenar a atmosfera. O *crash* do Union Générale, os escândalos do Panamá, os casos Dreyfus, Rochette ou Stavisky são alguns dos importantes marcos no percurso da Terceira República que ficaram na memória de todos. Clemenceau foi salpicado pelo Panamá. Poincaré soube sempre manter o seu nome à margem, ainda que as suas políticas coincidissem nas mesmas fontes. Não sem alguma razão, declarava ter como mestre da moral Marco Aurélio, cujas virtudes estoicas não se acomodavam mal à moral do poder imperial decadente de Roma.

Nas suas memórias, Poincaré lamenta que «ao longo dos primeiros seis meses de 1914 (...) as intrigas políticas e os escândalos financeiros passaram diante dos meus olhos». Mas a guerra, evidentemente, varreu de um só golpe os propósitos egoístas. A *Union sacrée* purificou as almas. Ou seja, as intrigas e as canalhices foram submersas pela vaga patriótica, que assumiu uma dimensão inesperada. Como relata Céline, quanto mais crítica era a situação na frente, mais viciosa se tornava a rectaguarda. A imagem de Pa-

ris durante a guerra é traçada, no romance, pela mão de um mestre impiedoso. Quase não há política. O que há é o substrato vivo a partir do qual toma forma.

Quer se tratasse de escândalos judiciais, financeiros ou parlamentares, o que salta à vista em França é o seu carácter orgânico. Da tenacidade e da frugalidade do camponês e do artesão à prudência do comerciante e do industrial, da ganância cega do rentista à cortesia do deputado ou ao patriotismo da imprensa, todos os caminhos levavam ao cancro que dava pelo nome genérico de Panamá. Na rede de ligações, favores, mediações ou subornos encontramos milhares de formas de transição entre a virtude cívica e o crime capital. Assim que um incidente lamentável afasta os irrepreensíveis véus, trazendo à vista de todos a anatomia da política – em qualquer altura e em qualquer lugar –, impõe-se a criação imediata de uma comissão de investigação parlamentar ou judicial.

Mas é precisamente aqui que as dificuldades aparecem: por onde começar e até onde ir?

Foi preciso que Stavisky tivesse falido inopinadamente para ficarmos a saber que este argonauta, filho de humildes taberneiros, tinha na mão deputados e jornalistas, ex-ministros e embaixadores, uns identificados pelas iniciais, outros com o nome à vista. E também que os assuntos de interesse para o banqueiro eram despachados nos ministérios à velocidade da luz, ao passo que os que o poderiam prejudicar demoravam o suficiente para se tornarem inócuos. Graças aos recursos da sua imaginação, às suas

relações e à cumplicidade dos jornais, esse mago da finança fez fortuna, jogou com as vidas de milhares de pessoas, subornando – que palavra grosseira, ainda que inadmissivelmente certa! –, recompensando, patrocinando e fomentando a imprensa, os funcionários e os deputados. E quase sempre de um modo inatacável!

À medida que evoluía o trabalho da comissão de investigação, mais se tornava evidente a sua inutilidade. Onde esperávamos encontrar delitos, não surgiam senão relações anódinas entre a política e a finança. Onde esperávamos encontrar o foco da infecção, não havia senão tecido são.

Enquanto advogado, X defendia os interesses das empresas de Stavisky; enquanto jornalista defendia o sistema fiscal que, por acaso, coincidia com os interesses de Stavisky; enquanto representante do povo especializou-se na reforma da fiscalidade. E enquanto ministro? A comissão ocupou-se interminavelmente de apurar se X, na qualidade de ministro, continuava a receber os seus honorários de advogado ou se, entre duas crises ministeriais, a sua consciência se manteve clara como cristal.

Tanto pedantismo moral investido na hipocrisia! Raoul Péret, antigo presidente da Câmara dos Deputados, candidato à Presidência da República, acabou envolvido em vários crimes financeiros. E no entanto, em sintonia com as suas convicções profundas, procedera «como qualquer pessoa», talvez apenas um pouco menos prudentemente – em qualquer caso, com um pouco menos de sorte.

Sobre o pano de fundo do «espectáculo abjecto das intrigas parlamentares e dos escândalos financeiros» – para usar a expressão de Poincaré –, o romance de Céline reveste-se de um duplo significado. Não foi por acaso que a imprensa bem-pensante, que no seu tempo se indignava com a investigação pública, se apressou a acusar Céline de caluniar a «nação». A comissão parlamentar tinha levado, a todo o custo, a sua investigação com a linguagem afável própria de iniciados, não pondo em causa nem acusadores nem acusados. Mas Céline não está preso a qualquer constrangimento. E rejeita brutalmente as cores vãs da paleta política. Ele tem as suas próprias cores. Resgatou-as da vida, artisticamente.

Diga-se que ele não capta a vida a partir do cenário parlamentar, nem das altas esferas, mas a partir das suas manifestações mais prosaicas, o que não lhe facilita a tarefa. Ele desvela as raízes. Levanta os véus superficiais do decoro, expondo a lama e o sangue. No seu sinistro panorama, o assassinato em troca de um ridículo benefício perde o carácter de excepção: é tão inseparável da mecânica quotidiana da vida transformada pela ambição e a ganância como o é o caso Stavisky da mecânica mais elevada da finança moderna. Céline mostra as coisas como são. É por isso que parece um revolucionário.

Mas Céline não é um revolucionário, nem pretende sê-lo. Não o move o objectivo de reconstruir a sociedade, o que, aos seus olhos, seria uma quimera. Ele pretende apenas arrancar o prestígio

que envolve tudo o que o assusta e o oprime. Para aliviar a sua consciência do terror perante a vida, este médico dos pobres teve de recorrer a novas regras estilísticas. Revelou-se um revolucionário do romance. De um modo geral, é essa a condição o movimento artístico: mover-se através da rejeição recíproca de tendências.

A decadência atinge não só os partidos no poder mas também as escolas artísticas. Os métodos criativos tornam-se ociosos e deixam de responder à sensibilidade humana: um sinal infalível de que a escola se tornou suficientemente madura para o cemitério das possibilidades esgotadas, isto é, para a academia. A criação viva não pode evoluir sem rechaçar a tradição oficial, as ideias e sentimentos canonizados, as imagens e as expressões cobertas pelo verniz dos costumes. Cada nova tendência procura estabelecer o contacto mais directo e honesto entre palavras e emoções. A luta contra a simulação na arte torna-se sempre, de uma forma ou de outra, numa luta contra a injustiça das relações sociais. A ligação é óbvia: a arte que perde o sentido da mentira social derrota-se inevitavelmente a si própria pela afectação, tornando-se numa pose.

Quanto mais rica e sólida for a tradição cultural nacional, mais brutal será a ruptura. A força de Céline reside na capacidade de, numa tensão extrema, se libertar de todos os cânones, de transgredir todas as convenções. Ele não só põe a nu a vida exemplar como lhe arranca a pele. Daí as acusações de calúnia.

Mas é precisamente no radicalismo impetuoso com que rejeita a tradição nacional que Céline é profundamente nacionalista.

Tal como os antimilitaristas franceses antes da guerra eram frequentemente patriotas desesperados, também Céline é um francês até à medula, um francês que se libertou das máscaras oficiais da Terceira República. O celinismo é um antipoincarismo moral e artístico. É aí que reside a sua força, mas também os seus limites.

Quando Poincaré se compara a Silvio Pellico, estremeçemos perante essa combinação de presunção e mau-gosto. Mas será que o verdadeiro Pellico, não o de Poincaré encarcerado num palácio como chefe de Estado, mas o que foi atirado para as masmorras de Santa Margherita e Spilimbergo por ser um patriota, não revela uma outra e mais elevada faceta da natureza humana? Deixando de lado esse católico italiano, que além do mais foi menos um combatente do que uma vítima, Céline poderia ter recordado ao eminente cativo do Palácio do Eliseu um outro preso que passou quatro décadas da sua vida nas prisões francesas, muito antes do tempo em que netos e bisnetos dos seus carcereiros deram o seu nome a uma avenida de Paris, nomeadamente Auguste Blanqui. Não significará isso que há algo no interior do homem que lhe permite elevar-se acima de si mesmo?

Por haver tantos e tão bem pagos sacerdotes a servir os altares do falso altruísmo, Céline afasta-se da grandeza da alma e do heroísmo, dos grandes projectos e esperanças, de tudo o que conduza a humanidade para longe da escura noite do eu circunscrito. É como se o moralista, tão implacável consigo mesmo, tivesse sido repellido pela sua própria imagem no espelho, e partisse o vidro ao murro, cortando as mãos. Uma luta assim pode enfraque-

cer e não leva a nenhum lampejo de luz. A desesperança sempre leva à resignação. A conciliação abre as portas da academia. Não faltam exemplos em que aqueles que minaram as fundações literárias terminaram debaixo da cúpula da imortalidade.

Na música deste romance há uma dissonância cheia de significado. Ao rejeitar não apenas o presente mas também o que pode suceder-lhe, Céline acaba por apoiar a ordem existente. Nessa medida, Céline, queira ou não, é um aliado de Poincaré. Mas desmascarando a mentira, ele provoca a necessidade de um futuro mais harmonioso. Ainda que considere que nada de bom pode vir do homem, a intensidade do pessimismo traz consigo uma dose do seu antídoto.

Céline é herdeiro da realidade e do romance francês. E não deve envergonhar-se disso. O génio francês encontrou no romance uma expressão inigualável. Começando com Rabelais, também ele um médico, floresceu, ao longo de quatro séculos, uma esplêndida genealogia de mestres da prosa épica: do riso e da alegria de viver à desesperança e ao desespero, do resplandecente romper do dia às profundezas da noite.

Céline não escreverá um segundo livro com uma tal aversão pela mentira e uma tal descrença na verdade. Essa dissonância deve dissipar-se. Ou o artista se reconcilia com a escuridão ou dará de caras com a aurora.

*Príncipe, 10 de Maio de 1933*

**AH!**

**Associação Mural Sonoro**

Cç. Santana, 169

1150-303 Lisboa